
LEITURA E LITERATURA: A CONSTRUÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

READING AND LITERATURE: READER'S LITERARY CONSTRUCTION

Rafaela Felex Diniz Gomes Monteiro de Farias¹ (UFS)

RESUMO: A academia dissociou o Ensino de Literatura e Leitura por imposição histórica e teórica. Tem-se como objetivo indicar a postura que devem assumir o meio acadêmico e escolar na formação do leitor de textos literários. Para isso, foram utilizadas teorias sobre associação ou separação entre leitura e literatura. Concluiu-se que essas duas áreas se complementam e essa deve ser a postura no meio acadêmico e escolar.

Palavras-Chave: Leitor, Literatura, Academia, Escola.

ABSTRACT: The academy dissociated the reading and literature teaching for historical and theoretical imposition. It has a goal indicate. The posture that should take over the academic and school place in the reader's formation of literary texts. For that, used theories about association or separation between Reading and literature. It concluded that these two knowledges areas complemente and this should be the in the middle academic and posture school.

Keywords: Reader, Literature, Academy, School.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendemos analisar-se a postura que deveriam assumir o meio acadêmico e escolar na formação do leitor de textos literários. De acordo com Lajolo (2005), nos últimos anos o meio acadêmico tem se preocupado em associar o Ensino de Literatura e o de Leitura, duas áreas dos saberes que se complementam, mas que a academia, por anos, os separaram por questões institucionais, por isso, essa individualização das duas teorias vêm sendo alvo de críticas e debates no âmbito acadêmico e escolar. De acordo com Lajolo (2005) muitas têm sido as causas dessas discussões que são: Como associar Literatura e

¹ Especialista em Ensino de Português e Literatura, professora do ensino fundamental e aluna do Curso de Mestrado em Letras/UFS. E-mail: rafafdgm@hotmail.com

Leitura? Por que não há cooperação de ambas as áreas? Como essas disciplinas poderiam ajudar na formação do leitor literário? Esses questionamentos foram viáveis para entendermos como está sendo constituído o ensino de literatura quanto à formação adequada e qualitativa do leitor literário, principalmente no que se refere a alunos secundaristas de ensino médio.

A literatura e a leitura são modos discursivos entre vários contextos, que vão além de elaborações linguísticas usuais. Segundo MEC (2006), o texto literário diferente de outras formas de comunicação e garante ao leitor uma maior liberdade de interpretação que pode levar aos limites mais extremos da possibilidade em língua materna. Porém, é válido ressaltar que, mesmo o texto com amplas possibilidades de interpretações, é preciso ter cautela, pois a interpretação do texto literário não pode ser feita de maneira solta e sem as mediações adequadas do professor.

Para Eco [s.d.], um texto bem interpretado é aquele no qual o leitor consiga efetuar no texto o maior número de leituras cruzadas e associativas entre o meio, espaço e tempo. Ainda segundo Eco [s.d.], o discurso institucionalizado escolar intervém como forma de limitar a infinidade de interpretações que o texto literário possa propiciar.

Formar um bom leitor de textos literários é apresentar estratégias metodológicas que se adéquem a realidade sociocultural dos leitores, nesse caso, alunos do ensino médio. O texto escrito ou lido, segundo Barthes apud Chiappini [s.d.], deve ser relacionado com um grande número de experiências e de entradas no mundo, que seja de fato uma “via de desalienação”. Mas de acordo com Koch; Elias (2007), o ato de ler deve ser uma atividade em que leve em conta as experiências e o conhecimento do leitor. A leitura de um texto literário não deve ser apenas o conhecimento adequado dos códigos linguísticos. “O texto não é um simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo” (KOCH; ELIAS, 2007, p.11).

2 PROPOSTAS METODOLÓGICAS INOVADORAS E INCLUSIVAS

O que quero fazer com o texto literário? Como formar um leitor literário-modelo? Propostas metodológicas para responder a essas perguntas não faltam. Carlos Magno Santos Gomes (2010) propõe a leitura interdisciplinar como uma prática social do ensino de literatura. Para isso, o autor utiliza os estudos de gênero para explorar a paródia como base de um roteiro de leitura que possibilita ao leitor reconhecer os conflitos sociais por meio das opções estéticas.

De acordo com Gomes (2010), os vários debates relacionados às novas propostas metodológicas têm instigados os pesquisadores a formatarem novas experiências metodológicas no que diz respeito ao ensino de Literatura. Para o autor, seria interessante incluir os estudos de gênero, pois, a partir dessa abordagem, conseguir-se-á valorizar a prática de leitura a partir de experiências interpretativas que discutem como as identidades de gênero estão representadas na ficção.

Segundo Gomes (2010), entender como as identidades de gênero estão representadas é uma forma de induzir a uma reflexão social, que para o autor “pode ser uma saída para associar leitura, prazer e consciência crítica do leitor”. Ainda de acordo com Gomes (2010), a leitura interdisciplinar não prioriza somente as questões sociais, mas também tem a preocupação em analisar como o texto foi elaborado como pode ser convertido em uma prática de instauração significativa. Essa é uma metodologia inovadora e está de acordo com as novas propostas do MEC para o ensino de literatura.

O MEC (2006) propõe a formação de um leitor que pense, critique e construa competências sociolinguísticas como meio de inclusão social e cultural no contexto em que está inserido.

Cereja (2005) argumenta que quase todas as opções metodológicas de ensino de Literatura têm suas vantagens e desvantagens e que cabe ao professor avaliar a melhor proposta metodológica. No decorrer de seu texto o autor apresenta duas hipóteses de trabalho, que são:

A primeira é escolher um tema geral e trabalhar as várias épocas da literatura, com possibilidade de incluir gêneros textuais e também movimentos literários diversos que contenham o tema a ser trabalhado. Após fazer a escolha é preciso opor os textos uns aos

outros para mostrar diferenças e semelhanças, porém, o autor sugere que não fique somente na análise do contraste, mas que essas diferenças sejam equacionadas e discutidas com base nas relações entre textos e contextos. Essa seria a solução encontrada pelo autor para a primeira hipótese.

A segunda hipótese seria um curso de literatura em torno dos gêneros literários, nesse caso, teríamos uma perspectiva evolutiva desses gêneros sempre relacionados com o contexto social e cultural. Mesmo assim, o autor ainda verifica dificuldade nessa proposta, assim como na anterior. Ele argumenta que essa segunda hipótese é menos fragmentada que a primeira, mas também possui suas implicações. A dificuldade dessa proposta seria o distanciamento histórico, a linguagem pouco acessível e temas pouco interessantes para o público juvenil, porém, como solução o autor afirma que seria preciso criar uma sequência didática que adeque os gêneros literários à realidade da sala de aula.

O que muito tem se falado nos grupos de pesquisa de ensino de Literatura é a importância da leitura literária para o ensino médio. Para muitos teóricos, como Osakabe (2004), a literatura é fonte de amadurecimento do aluno, pois, uma vez que lhe favorecerá uma visão crítica.

MEC (2006) critica o ensino tradicional de Literatura, pois a disciplina de Literatura era vista como uma disciplina burguesa que sempre teve o privilégio em relação a outras disciplinas. "A literatura era tão valorizada que chegou mesmo a ser tomada como sinal distintivo de cultura..." (Lajolo, 2005).

Ainda de acordo com o MEC (2006), o ensino tradicional de Literatura sobrecarrega muitas vezes o aluno com informações que tornam a disciplina cansativa e mecanizada. Uma das formas de tornar o ensino menos cansativo é articular e ampliar as competências do aluno acerca da disciplina. É preciso tornar um leitor apto e não apenas letrar o aluno.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica em estratégias

de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. (PCN's apud KOCH; ELIAS, 2007)

Todorov (2009) mostra em seu texto *La littérature en péril*, que o ensino secundarista de literatura é medíocre. O autor chega a essa conclusão quando faz parte de uma comissão de inspeção que analisa como é empreendido o ensino de Literatura em algumas escolas secundaristas francesas. Para Todorov (2009), é preciso antes de tudo criar uma postura crítica em relação ao ensino do texto literário e apresentar ao leitor as várias possibilidades sociais e culturais que um texto literário possa propiciar. É importante ressaltar a esse leitor que o texto literário está no centro dos discursos vivos e que sua leitura, além de lhe fornecer um mundo mais pleno e crítico, apresenta ao mesmo tempo um prazer estético que por muito tempo foi limitado por teorias estruturalistas que minimizavam esse deleite estético, assim como transformavam a leitura literária em um procedimento mecânico e com poucas possibilidades operacionais mentais que envolvem o ato de ler.

O que muitos pesquisadores querem é que se faça um letramento literário do aluno, que é algo a mais do entendimento de diferenciar uma poesia de um drama. O que os teóricos buscam além, neste caso, seria entender a poesia e as narrativas numa perspectiva estética mais ampla. Essa ampliação do letramento literário é importante, pois, a partir dela, o aluno passa a ter uma experiência literária mais crítica e ampla, assim como propiciará ao aluno um contato maior com o texto.

Uma crítica empreendida por muitos teóricos da literatura é que nem todo texto pode ser literário, mas se formos analisar esse conceito, verificaremos que causa muitas desavenças entre os estudiosos, que muitas vezes confundem o que é ou não literatura para o aluno. Mas o que interessa em nosso trabalho é entender como o ensino de leitura e literatura podem complementar-se e que esta união é benéfica para a construção e maturação do leitor de obras literárias, assim como de outros gêneros narrativos.

De acordo com o MEC (2006), houve diversas tentativas de estabelecimento das marcas da literariedade de um texto, principalmente pelos formalistas e depois pelos

estruturalistas, mas essas não lograram muito sucesso, dadas as diversidades de discursos envolvidos no texto literário.

Percebemos as divergências entre essas duas teorias quando definimos o conceito de literatura de modo vago em sala de aula, e mais ainda, a dificuldade que temos de ministrar aulas nessa área, que, como afirma Chippiani (2005), as posições em relação ao ensino de literatura são várias e muitas vezes distintas, pois, de um lado temos o professor que dá muita ênfase ao cânone e, por outro lado, o professor que é radical, que lança mão de qualquer obra, qualquer texto, ou seja, dessa forma não estamos trabalhando efetivamente literatura e muito menos formando leitores aptos e críticos.

É preciso entender que sempre haverá discussões acerca do assunto, assim como, dúvidas e julgamentos sempre farão parte do ensino de Literatura e da formação de leitores literários.

A preocupação com o ensino de Literatura cada vez mais ganha as discussões nos centros acadêmicos. Não podemos entender apenas a Literatura como bem simbólico, é preciso entender a literatura como algo mais. É importante ter em mente como deve ser formado esse leitor, quais são os discursos em jogo? Como abordar novas perspectivas para uma renovação do ensino de Literatura. Quais leitores queremos construir?

Queremos construir um leitor que amplie seu horizonte de expectativa, pois o texto não se realiza por si só. Devemos formar o leitor social, porque todos somos leitores sociais, temos que buscar a alteridade, que é a voz do outro. A complexidade da linguagem humana leva as gerações a entenderem sua pluralidade, que a todo tempo desenvolvem e aplicam novas metodologias que permitam o leitor social e modelo a compreenderem os padrões de interação entre línguas, culturas e sociedades. Esse deve ser um dos objetivos na formação de um bom leitor e crítico literário.

3 O LIVRO DIDÁTICO NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Uma crítica feita pelos MEC (2006) é a respeito da escolha do livro a ser trabalhado na disciplina literatura, uma vez que a escolha do livro é feita de forma muito sistemática,

não abre muito espaço para que o leitor escolha o que realmente quer ler e os alunos são os últimos a serem questionados a respeito do livro a ser usado.

O que percebemos é que um dos maiores problemas da prática real do ensino de literatura é a questão do letramento literário, que por muito tempo ficou esquecido por grande parte dos professores de literatura.

Os livros didáticos também têm sua importância, pois segundo os MEC (2006), os materiais didáticos, aos poucos apoiarão o ensino de uma forma mais satisfatória, já que, novas tecnologias e novos conceitos são abordados por esses materiais, dando assim, ao professor a possibilidade de inovar e discutir de maneira viável seu conteúdo e temas transversais a serem trabalhados.

“Acreditamos que os manuais didáticos poderão médio prazo, apoiar satisfatoriamente a formação do leitor da literatura rumo à sua autonomia”. (MEC, 2006). É preciso entender que o livro didático servirá como elemento de apoio.

Os professores contar com outras estratégias de ensino, orientadas principalmente por sua própria formação de leitor. O leitor e a leitura tornam-se hoje objetos de estudo e de reflexão nos centros acadêmicos, pois, atualmente a noção de texto se amplia cada vez mais e com isso as concretizações de sentidos múltiplos tornam-se mais originais e mais acessíveis ao público.

Para Eco (2003) é importante que se tenha respeito ao leitor e que esse contexto de liberdade de interpretação é fundamental.

A leitura literária nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se o que se queira, nelas lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade de interpretação, pois propõe um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambigüidades e da linguagem da vida. Mas para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para com aquela que eu, chamei de intenção do texto. (ECO, 2003, p.12).

É válido ressaltar que a leitura do texto literário fornece ao leitor sensações, provoca reações e experiências múltiplas. A leitura literária é uma troca de impressões e de comentários acerca do texto. Se, ao ler um texto, vários acontecimentos vêm à tona, seria válido que as escolas criassem formas que houvesse debates, resumos, palestras e leitura em grupo para criar um clima literário na escola. É preciso formar leitores críticos no meio escolar.

Devemos pensar em melhorar o ensino de literatura, devemos quebrar barreiras até então impostas pelo ensino tradicional, pois nossa maior preocupação é formar leitores assíduos, mas de qualidade. Nós professores teríamos, nesse caso, o papel de mediador e incentivador do texto literário. Como foi dito anteriormente, para Lajolo (2005), teoria literária e teoria do texto não são associados não por uma questão de diferenças entre ambas, mas por uma questão de convenção histórica e acadêmica. De acordo com Lajolo (2005), a integração dessas duas teorias é fundamental para a formação de um leitor crítico e atento às mudanças do meio em que se encontra inserido, porém, dissociar teoria do texto e teoria da literatura é perder pressupostos teóricos importantes não só para o meio acadêmico, mas para a formação do profissional em Letras.

Uma das preocupações da autora é que cada uma dessas teorias estão alocadas de maneira que não haja nenhuma correlação entre si, pois ambas desconsideram a principal finalidade que é o objeto provocador da leitura. Enquanto a teoria da leitura preocupa-se com os procedimentos mecânicos e com as habilidades das operações mentais que envolvem o texto, em contrapartida a teoria da literatura afasta-se do objeto instigador da leitura, pois está presa a uma reflexão sistemática da obra em si.

A imposição mecânica e sistemática da teoria da literatura faz com que seja bom e literário é o que o cânone aprova, pois “fornecem critérios de avaliação de textos como literariamente piores ou melhores e, no limite, como literários ou não-literários.” Lajolo(2005). Essa forma de avaliação é confortável para os teóricos da teoria literária, pois seguir seus padrões estéticos é bem convencional e impor o seu discurso do que é válido ou

não é uma forma de controle e alienação de uma massa de leitores fadada à crítica limitada e muitas vezes excludente de certos textos literários.

Colocar o texto literário em um patamar de superioridade é esquecer que a teoria da literatura tem seus pilares sustentados muitas vezes por outros discursos que a integram e enriquece, por isso, esquecer desses pressupostos é colocar a Literatura reduzida ao absurdo. Para Todorov (2007), Literatura deve ser vista e entendida como o encontro de outros autores, de outros pensamentos, é remeter o leitor a um mundo mais pleno de ideias e liberdade analítica, ou seja, a mesma deve manter-se no centro dos discursos vivos e instigantes.

Mesmo que tenhamos novos teóricos e construções de novos ideais de Literatura dificilmente haverá uma desqualificação das teorias anteriores, pois o que já foi sacramentado e universalizado é cristalizado e institucionalizado pelo meio acadêmico. A academia legítima os discursos admite uma pluralidade de ideias que envolvam as duas teorias. Dessa forma, o meio escolar contribui para essa cristalização do texto literário, reduz a importância da associação do ensino da leitura e absorve os roteiros impostos pelos teóricos de ambas as áreas, ao passo que não há uma colaboração mútua entre as duas disciplinas. Esse discurso modular imposto tem como consequência uma prática escolar insatisfatória e incompleta no que diz respeito às duas teorias de conhecimento aqui estudadas.

4 CONCLUSÃO

Assim, é preciso que academia e sociedade convertam não só o ensino de Literatura, mas a área de estudo de línguas numa prática de instauração significativa na sala de aula. Para que isso ocorra, é preciso quebrar os limites, as repetições impostas pelos estudos Estruturalistas. É necessário converter a prática de ensino limitada, enfadonha e repetitiva, numa modalidade que induza o aluno a sentir-se parte do processo transformador, crítico e inesgotável de saberes e poderes, que é a prática de leitura, e a ter também a prazerosa emoção de adentrar-se na construção significativa de um texto literário.

REFERÊNCIAS

- CEREJA, Roberto William. **O dialogismo como procedimento no ensino de literatura**. In: Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura. São Paulo: Atual, 2005.
- COLL, César (org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. Tradução: Fátima Murad. 2ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução: Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GADOTTI, Moacir. **Pensamento pedagógico no brasileiro**. 5ª. ed. São Paulo: Ática, 2004. (Série Fundamentos).
- GOMES, Carlos Magno Santos. **Estudos de gênero e leitura interdisciplinar**. Revista Sócio-Poética, vol.1, nº 75.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **A organização por projetos de trabalho**. 5ª. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- LAJOLO, Marisa. **Leitura – literatura: mais que uma rima, menos que uma solução**. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 2005.
- MEC. **Orientações Curriculares para Ensino Médio**. (vol.1.) Brasília, 2006.
- TODOROV, Tzevetan. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade**. O currículo Integrado. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 62-80.

Recebido: 16/09/2011

Aceito: 03/10/2011